

## A PRODUÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA NA HISTÓRIA DAS “ORIGENS”: O SURGIMENTO DA COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM NA CIDADE DE FORTALEZA

Emanuel Freitas da Silva\*

### Resumo:

O artigo discute os mecanismos de produção de memória coletiva e sua importância para o estudo de coletividades sociais, especialmente as de viés religioso. Para tanto, toma como *córpus* de análise as narrativas em torno das origens e da fundação da Comunidade Católica Shalom, instituição representativa do catolicismo carismático. Fundada em 1982, na cidade de Fortaleza (CE), a referida Comunidade tem em seu fundador, Moysés Azevedo, a liderança *par excellence*, agindo como fonte e centro de onde engendra-se a vida comunitária, seja no tempo histórico, seja, conforme se crê, para além dele. Assim, o artigo analisa os diversos meios pelos quais a liderança de Moysés inscreveu-se e legitimou-se no tempo histórico da Comunidade, bem como o meio primordial de exercício de tal liderança: a produção de uma memória coletiva acerca das origens, identificada plenamente em sua história biográfica.

**Palavras-chave:** memória coletiva; mito de fundação; identidade.

### Abstract:

The article discusses the mechanisms of production of collective memory and its importance for the study of social collectivities, especially those of religious bias. To do so, it takes as a corpus of analysis the narratives about the origins and foundation of the Shalom Catholic Community, an institution representative of charismatic Catholicism. Founded in 1982, in the city of Fortaleza (CE), the aforementioned community has its founder, Moysés Azevedo, the leadership *par excellence*, acting as source and center from which community life is born, whether in historical time or according to if you believe, beyond it. Thus, the article analyzes the various means by which Moyses's leadership was inscribed and legitimized in the historical time of the Community, as well as the primordial means of exercising such leadership: the production of a collective memory about origins, fully identified in its biographical history

**Keywords:** collective memory; myth of foundation; identity.

**Recebido:**09/12/2018

**Avaliado:**02/02/2019

---

\* Professor Assistente de Teoria Política (UECE/FACEDI). Doutor em Sociologia (UFC), pesquisador do NERPO (Núcleo de Estudos em Religião e Política (UFC).

## 1- Introdução

A cidade de Fortaleza, capital do Ceará, segundo estado mais católico do Brasil, é o cenário de origem da mais importante Comunidade do catolicismo carismático brasileiro, e uma das mais importantes do mundo: a Comunidade Católica Shalom (CCSh). Fundada em 1982, no bairro Aldeota, por Moysés de Azevedo e um grupo de jovens que o seguiam, a CCSh possui hoje em torno de 11 mil membros efetivos espalhados pelo mundo<sup>1</sup>, sendo 8500 na Comunidade de Aliança (CA) e 2500 na Comunidade de Vida (CV), possuindo 228 casas de missão, sendo 193 no Brasil<sup>2</sup> e 35 no exterior<sup>3</sup> (estando presente em 26 países, sendo as maiores missões as da França, com 5 casas, e as da Itália, com 4); 35 mil pessoas nos grupos de oração da Obra<sup>4</sup>, 100 Centros de Evangelização<sup>5</sup>, 32 padres formados “segundo o espírito do carisma”, 70 seminaristas, 60 casais que moram na comunidade de vida. No ano de 2016, duzentas e vinte e cinco pessoas pleitearam, por meio do caminho vocacional, o ingresso na CV, e oitocentas e cinquenta na CA.

Seu trabalho missionário compreende, além dos Centros de Evangelização, 4 emissoras de rádio<sup>6</sup> administradas pela Comunidade, o Colégio Shalom (que oferece Ensino Fundamental e Médio, em Fortaleza, e neste ano de 2016 conseguiu aprovação do MEC para a confecção de seu próprio material didático), a Faculdade Católica Rainha do Sertão<sup>7</sup>, um albergue para moradores de rua, duas casas<sup>8</sup> de assistência à viciados em drogas ilícitas, um programa semanal na TV Rede Vida<sup>9</sup> e, recentemente, foi convidada pela Arquidiocese de Fortaleza para administrar a Igreja do Carmo, no Centro de Fortaleza.

Inúmeros eventos promovidos pela Comunidade inscreveram-se na agenda católica, seja a nível local<sup>10</sup>, nacional<sup>11</sup>, ou mesmo internacional<sup>12</sup>. Membros da CV e

<sup>1</sup> “Membros efetivos” são considerados aqueles que concluíram as etapas iniciais de formação após o caminho vocacional, ou seja, são os “discípulos” e os “consagrados”. Mais à frente os termos, e as etapas de formação, serão melhor explicitados.

<sup>2</sup> Assim distribuídas: Acre (2), Alagoas (2), Amapá(1), Amazonas(1), Bahia (9), Ceará(19), Distrito Federal (1), Espírito Santo (2), Goiás (1), Maranhão (3), Mato Grosso(1), Mato Grosso do Sul (1), Minas Gerais (1), Pará (4), Paraíba (4), Paraná (2), Pernambuco (4), Piauí (2), Rio de Janeiro (10), Rio Grande do Norte (10), Rio Grande do Sul (3), Roraima(1), Santa Catarina (3), São Paulo (11), Sergipe (2), Tocantins(1).

<sup>3</sup> Para o ano de 2018 estavam previstas fundações de casas da Comunidade nos seguintes lugares: Broken Bay (Austrália), Lubango (Angola) e no Brooklyn (EUA). Ressalte-se que, no continente africano, a CCSh já está presente na Argélia, Tunísia, Madagascar, Moçambique e Cabo Verde.

<sup>4</sup> Compõem a “Obra Shalom” todos aqueles que participam dos eventos, cursos e grupos de oração promovidos pela Comunidade, mas que não desejam fazer “vocacional” nem “consagrarem-se” no carisma.

<sup>5</sup> Centros difusores do “carisma shalom”. Geralmente, contam com uma lanchonete à frente, uma loja onde se vendem produtos de evangelização da Comunidade, amplo espaço onde se celebram missas e se realizam grupos de oração. O mais importante deles é o Shalom da Paz, localizado em Fortaleza, e onde se realizam os mais importantes eventos da Comunidade, como as “assembleias gerais”, além de realizar-se, semanalmente, a missa de “cura e libertação”, comandada pelo padre Antônio Furtado.

<sup>6</sup> Rádio Shalom AM 690, em Fortaleza; Rádio Boa Nova, em Pacajus e Quixadá; e uma outra na cidade de Aracaju (SE).

<sup>7</sup> Que, apesar de pertencer à Diocese de Quixadá, está sob a administração da Shalom.

<sup>8</sup> Que compõem o “Projeto Volta Israel”, nas cidades de Itapipoca e Eusébio, no Ceará.

<sup>9</sup> O “Fazendo Barulho”, único da emissora a ser gravado fora dos estúdios da emissora, em São Paulo. A Comunidade apresenta-o desde 2014.

<sup>10</sup> Por exemplo: o Renascer, retiro de carnaval no Ginásio Paulo Sarasate; o Halleluia, evento realizado na mesma época do Fortal, micareta de Fortaleza, e que tem registrado por três anos sucessivos um público que supera o da micareta; Festa dos Arcanjos, comandada pelo padre Antônio Furtado; e o Reveillon da Paz, que leva milhares de católicos à Praia do Futuro.

<sup>11</sup> Como o Congresso Nacional de Jovens.

da CA figuram como “estrelas” nacionais do cenário da música católica, ganhadores de importantes prêmios deste segmento (como o “Troféu Louvemos o Senhor”, da TV Século XXI) e tendo músicas por eles compostas transformadas em “*hits nacionais*” nas missas, shows e seminários da RCC. Livros<sup>13</sup> e materiais produzidos pela Comunidade também transformaram-se em importante literatura no mercado consumidor de bens simbólicos da RCC<sup>14</sup>, sendo sua co-fundadora, Emmir Nogueira, autora de mais de 35 livros bastante difundidos no meio carismático. Seu fundador é membro do Pontifício Conselho para os Leigos, tendo sido convidado para o Consistório dos Bispos Europeus, em 2011, pelo então papa Bento XVI.

O objetivo desse artigo é apresentar as *narrativas oficiais* em torno das “origens” da Comunidade, que tratam de produzir uma *memória coletiva*, e *autorizada*, em torno da *excepcionalidade de seu fundador*, Moysés Azevedo, desconsiderando, a nosso ver, todo o trabalho coletivo levado a cabo quando das origens da Comunidade. O que se fará aqui, portanto, é uma reconstrução histórica do cenário contextual do catolicismo de onde emergiu, no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, uma coletiva experiência de grupos de jovens, que depois migrariam para a Renovação Carismática Católica (RCC), e de como tal experiência foi, nas narrativas produzidas pela constituição da CCSH, sendo apropriada para a legitimação de uma única liderança, afiançando como sua um empreitada coletiva.

O conteúdo desse artigo foi produzido a partir de uma análise de parte do material produzido para minha pesquisa doutoral realizada entre 2015 e 2018, e que teve como aportes metodológicos: entrevistas (todas realizadas entre agosto de 2015 e novembro de 2017), pesquisa documental, observações de campo, documentários e outros contatos com membros da CCSH. Objetiva-se que tal produção sirva, a posteriori, como importante meio de consulta para futuros pesquisadores que se dediquem à uma *história do catolicismo carismático cearense*.

<sup>12</sup> Como o Fórum Carismático, agora denominado de “Fórum Shalom”.

<sup>13</sup> A Comunidade Shalom possui sua própria editora, as “Edições Shalom”, que produz e distribui suas publicações pelo mundo.

<sup>14</sup> Cito dois exemplos: o livro de estudos bíblicos “Enchei-vos”, escrito por Emmir Nogueira, tornou-se o norteador nacional dos Seminários de Vida no Espírito Santo, principal ação evangelizadora da RCC; e seu livro de formação pessoal, “Tecendo o fio de ouro”, que propõe um caminho de “santidade pessoal”, com um miscelânea de ideias teológicas e psicológicas, estando em sua sexta edição.

## 2- O Contexto de Surgimento da CCSH: o Trabalho Evangelizador da Arquidiocese de Fortaleza e os Primeiros Passos do Empreendimento Comunitário

As narrativas em torno das origens da CCSH remontam à existência de um grupo de jovens, estudantes do Colégio Marista Cearense (reduto de estudantes oriundos de camadas socialmente privilegiadas da cidade), em Fortaleza, que estavam ligados a trabalhos pastorais na Arquidiocese, governada pelo então cardeal Dom Aloisio Lorscheider. Os encontros desses jovens começaram por volta do ano de 1972, tendo sido intensificados a partir do ano de 1976.

Nesse trabalho havia uma divisão por grupos: um compunha-se dos estudantes do colégio *Christus*; outro localizava-se no Colégio Piamarta; um terceiro era o chamado “grupo da Arquidiocese”, cujos membros reuniam-se no Colégio Santa Filomena – este grupo era o mais organizado, composto por jovens universitários, mais intelectualizados e, por conta disso, foi o grupo que se deixou guiar pelos ideais da Teologia da Libertação, à época muito atuante em Fortaleza, o que, depois, serviria como deslegitimação destes frente aos grupos que se formariam dentro dos quadros da RCC e, depois, da Shalom. Será com esse grupo, o Adonai, que Emmir Nogueira teria uma ligação mais forte. Por fim, havia o grupo do colégio Cearense, de onde saíam Moisés de Azevedo e Madalena Ponte.

*“Era aquela juventude que tinha retiros pregados por Padre Jonas, de forma anual”, afirmou um dos entrevistados, “íamos à Praça Portugal, fazíamos luau ali”. “Fazíamos todas as coisas no colégio, inclusive íamos à missa lá, na capela do colégio”, afirmou Luiza Façanha<sup>15</sup>, uma dos cinco primeiros membros da Comunidade e que hoje não faz mais parte desta. Segundo conta, todos colaboravam com as atividades solicitadas pelo irmão Mauricio, que era o responsável pela evangelização dos jovens na Arquidiocese: realizavam retiros em casas de praia de familiares, viajavam juntos, participavam de missas, saíam para lanchonetes e espaços de lazer etc.*

<sup>15</sup> Luiza Façanha estaria entre os cinco primeiros jovens que, em 1982, deixariam suas casas e formariam o primeiro núcleo comunitário que serviria de molde para a formatação da Comunidade Católica Shalom. Apesar de ser uma das primeiras, logo após, em 1985, sairia, por alguns problemas de desentendimento com outros membros da Comunidade, tendo retornado em 1989, mas logo depois abandonando-a novamente, não tendo sido mais membro da mesma. Hoje, auxilia o Padre Antônio Furtado nas missas celebradas no Shalom da Paz, às quintas-feiras. A entrevista para esta pesquisa foi realizada em maio de 2016.

# HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

**Imagem 1:** Jovens do Colégio Cearense, Moysés ao centro.



**Fonte:** acervo pessoal cedido por Luisa Façanha

Com a intensificação do convívio e dos laços, a *rejeição* aos espaços de sociabilidade com *o mundo* foi aparecendo, até que surgiam os primeiros movimentos, coletivamente, de separação *dos jovens e dos lazeres do mundo*: “*tinha umas tertúlias, no Ideal, no Náutico, e programas que nós não queríamos ir, não queríamos fazer, pois queríamos era rezar mais*”, conta um entrevistado. Luíza Façanha, por sua vez, afirma ser esta uma época em que começaram a “*pesar numa balança*” se deveriam ser amigos e companheiros ou “*jovens que rezavam*”.

Todo final de semana queríamos sair, mas não queríamos mais estar nesses barzinhos, nesses dances. Então essa ideia [de criar uma lanchonete] caiu como sopa no mel. “*Vamos criar um local onde possamos estar juntos, estar com Deus, e comer um sanduiche*”. Basicamente essa foi a primeira ideia. E junto com isso também uma livraria. Todo mundo se empolgou com a ideia (Luiza Façanha).

À medida em que se separavam do espaço da escola para os centros universitários, os jovens do Colégio Cearense iam realizando encontros onde relembavam os compromissos assumidos com a Arquidiocese e, assim, mantinham vivo o laço comunitário que começava a ser tecido naquelas experiências. Encontros anuais eram feitos com esse objetivo.

**Imagem 2:** 5º encontro do Colégio Cearense  
(Moysés aparece sentado, com blusa brana e listras pretas.  
A mulher de óculos escuros é Luiza Façanha, uma das 5 primeiras consagradas.



**Fonte:** acervo pessoal de Luisa Façanha)

O 5º encontro, realizado em 14 de outubro de 1977, é de suma importância para a produção da *memória oficial* da CCSH, uma vez que, nessa memória, tal encontro ocupa lugar essencial nos primeiros passos da construção da liderança de Moysés. Luzia Façanha, apesar de não ser mais membro da Comunidade, refere-se assim ao que lhe ocorrera naquele dia:

Por volta das 17h30min, chegamos todos ao local do encontro, onde a maioria dos “dirigentes” nos aguardava com alegria e um brilho diferente no olhar. Apesar de queixar-me sempre de minha fraca memória, uma cena se fixou em minha mente naquele dia e a guardo com carinho até hoje: um rapazinho franzino, mas com um olhar indescritível nos aguardava na porta do Convento e nos dava as boas-vindas. Lembro-me com nitidez o bobo pensamento que tive de me aproximar e “fazer amizade” com ele, pois me parecia alguém tão frágil que talvez como eu, precisasse de um amigo. Mas não foram necessárias mais que algumas horas para que eu percebesse o meu engano. *Aquele jovem era diferente, tinha um comportamento único. Seu jeito de falar de Deus o tornava maior que todos naquela sala. Aquele timbre de voz era de quem falava com autoridade, às vezes até a elevava um pouco mais, na urgência que tinha de falar desse Jesus que havia mudado sua vida.* (Texto pessoal concedido ao autor).

O jovem *diferente*, portador de um *comportamento único* e que *era maior que todos naquela sala* era Moysés de Azevedo Louro Filho. Sua capacidade de encantar e seduzir os que lhe cercam já é aqui assinalada, à luz do tempo, por Luiza. No ano de 1978 dá-se a primeira aproximação entre Moysés e Emmir, que já se destacava no interior do catolicismo carismático em Fortaleza. Por esse ano, como contou-me, começou a ouvir falar de Moysés:

Coincidentemente nós trabalhávamos na mesma pastoral, mas nunca encontrei com o Moysés na pastoral. Ele era do (grupo) 21 e eu era do (grupo) 37, eu e o Sergio (seu esposo). Historicamente, é distante um do outro. Eu era coordenadora da Renovação (Carismática) e começaram a me falar: “*olha tem um rapaz que prega com autoridade, com poder, um menino*”. Eu dizia: “*ô meu Deus, que coisa maravilhosa, quem é essa criatura?*”. E um dia ele me ligou perguntando seu eu aceitava pregar em um encontro. Ai eu falei: “*você é o famoso Moysés que prega com poder?*”. E a partir desse dia, pronto, nós nunca mais nos separamos<sup>16</sup>.

Madalena Ponte, outra dos cinco primeiros consagrados da Comunidade, também faz referência ao “poder” emanado da *persona* de Moysés como algo essencial para a sua conversão e ao desejo de constituir uma vivência comunitária, ainda nos anos 1970:

<sup>16</sup> Entrevista concedida ao autor, em agosto de 2015.

# HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

Fui aluna dos irmãos maristas, no Colégio Cearense, em Fortaleza. Em 1979 recebemos em sala de aula a visita de um “jovem franzino” chamado Moysés Azevedo, que nos convidou para um final de semana diferente, onde teríamos uma “experiência inesquecível”, experiência esta que marcaria nossas vidas. Aceitei o convite e realmente minha vida mudou, pois tive uma forte experiência do amor de Deus, senti-me visitada por um Jesus amoroso, misericordioso. Então entrei no grupo de jovens (onde nos reuníamos nos sábados), participei da equipe de trabalho que visitava os velinhos aos domingos, para ouvi-los e por eles rezarmos. Senti aí o primeiro toque de Deus em relação aos pobres ao vê-los tão abandonados, muitas vezes contando somente com nossas visitas semanais. Com a continuação o Moysés sentiu no coração um apelo para termos um compromisso maior com o povo de Deus, um desafio, um maior engajamento, dando mais de nosso tempo e de nossa juventude. (Madalena Ponte em depoimento à Revista Shalom Maná, 2007, p. 26).

Carmadélio Souza<sup>17</sup> destaca, também, a distinção do “grupo do Cearense”, expressão, por sua vez, da distinção de seu coordenador, Moysés:

Todos éramos líderes de grupos de oração, fazíamos reuniões mensais. Mas o grupo do colégio cearense eram muito mais consistentes do que todos os outros, era de onde saíria o Moysés.

Apesar da crença generalizada na *desde sempre* alegada excepcionalidade da qual Moysés seria o portador, pude coletar dois depoimentos que sugerem não ter sido tal liderança de Moysés frente aos demais algo dado de antemão, como uma predestinação ou mesmo como uma expressão *natural* daquilo que viria a ser, a *posteriori*, legitimado e reproduzido na estrutura da CCSH.

Luisa Façanha, por exemplo, afirmou não concordar com a afirmação de que ele, “desde sempre”, tenha exercido uma liderança, dizendo o seguinte acerca do momento de maior efervescência da vida de oração e de partilha dos grupos de jovens:

Deus falava muito para *todo mundo junto*. Fizemos um retiro na Taíba, e Deus conduziu da seguinte forma: oramos por cada um em particular. ‘*É a vez de rezar por fulano, então vamos rezar por fulano*’, e Deus dava o discernimento, e aquilo era a lei. *Deus era a liderança*, não precisava de uma liderança, Deus falava a todos. Talvez até na vida pessoal de oração do Moysés, Deus fosse mais claro, mas na vida comunitária ele (Moysés) sempre foi muito discreto.

Observemos o que Luiza afirma: havia uma força *no grupo*, instrumento por meio do qual “*Deus falava muito*”. Assim, aquilo que era discernido “no grupo”, “em grupo”, tinha força de lei por assim se constituir. Não havia, ainda, a julgar por seu depoimento, uma liderança que, hoje, nas narrativas da CCSH, aparece destacada como *desde sempre*. Semelhante opinião é exposta por Célio Di Cavalcanti<sup>18</sup>, para quem Moysés “*não era muito de destaque, a não ser dentro do grupo do Cearense*”. No

<sup>17</sup> Historiador, consagrado na Comunidade de Aliança desde 1990, atuando no setor de formação da Comunidade. A entrevista foi realizada em maio de 2017.

<sup>18</sup> Empresário, consagrado na Comunidade de Aliança desde 1987, atuando, desde então, no setor de Música e Artes. A entrevista foi realizada em junho de 2016.

conjunto, pois, dos grupos de oração de jovens existentes na Arquidiocese de Fortaleza, ligados à RCC, havia uma liderança compartilhada, por assim dizer, que aos poucos foi concentrando-se em Moisés, e é esse processo, de “concentração de recursos simbólicos”, para usar os termos de Bourdieu (2014), que convém considerar para compreender o que está na *gênese* da produção de sua liderança e da memória produzida para legitimá-la.

Havia, pois, uma força que era *de grupo*, o que nos permite compreender que o os germens daquilo que se constituiria como o *carisma shalom*, por assim dizer, na configuração coletiva; a força era, pois, da coletividade, algo próximo da compreensão de Durkheim<sup>19</sup> acerca da energia, ou proeminência, das forças coletivas, dos estados de espírito, gerados *na* e *pela* coletividade, e cuja força encontra sua razão de ser na coletividade.

Assim, essas considerações, postas frente ao que se escuta no interior da CCSH, parecem-me sugerir aquilo que Pierre Bourdieu nomeia como “amnésia da gênese”. Segundo ele, no processo de estudo acerca das instituições<sup>20</sup>, convidando o pesquisador a não embarçar-se nos jogos através dos quais as instituições legitimam-se na mente de seus membros, fazendo esquecer o seu “nascimento” e os modos como tal nascimento se operacionalizou. Para tanto, diz ele, é preciso que o pesquisador

[...] para desbanalizar e para superar a amnésia dos inícios inerente à institucionalização, é importante voltar aos debates iniciais que levam a perceber que, ali onde nos restou um único possível, havia vários possíveis com campos agarrados a esses possíveis [...] Várias vezes disse que a dificuldade da Sociologia é que ela deve destruir o sentido comum, afastar tudo o que tem a ver com a protocrença, que é mais que uma crença: é uma crença que não se conhece como tal. A Sociologia deve destruir uma doxa<sup>21</sup>.

Assim sendo, essas narrativas acima apresentadas, reservadas apenas a dois dos membros mais antigos que entrevistei (que estavam desde as origens no grupo de onde saíria a CCSH), figuram como *pontos fora da curva* em relação àquelas que põem-se no sentido da legitimação da *persona* carismática de Moisés e de seu crido pioneirismo (predestinação), não encontrando eco, como era de se esperar, no interior da própria Comunidade<sup>22</sup>.

<sup>19</sup> Particularmente, em duas passagens dessa obra: “onde quer que observemos uma vida religiosa, ela tem por substrato um grupo definido” e “ao mostrar que a religião é inseparável da ideia de igreja, isso faz pressentir que a religião deve ser uma coisa eminentemente coletiva”. DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003 (p.32.39).

<sup>20</sup> Ele trata do Estado, em especial, mas dirige sua análise ao estudos das instituições.

<sup>21</sup> BOURDIEU, Pierre. *Sobre o Estado*: cursos no Collège de France (1989-1992). Tradução: Rosa Freire. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p.68-69.

<sup>22</sup> Luisa Façanha e Célio di Cavalcanti falam de “lugares” especiais. A primeira, depois de dois ingressos na CCSH (um em 1985, e outro em 1988, não mais pertence ao número de seus membros efetivos, participando, hoje, apenas da equipe de música que trabalha diretamente com o Padre Antônio Furtado, às quintas-feiras, no Shalom da Paz. Assim, pode expressar com mais liberdade um pensamento alternativo ao que se impõe como oficial e verdadeiro, único possível, aos membros efetivos. Célio, por sua vez, já se afastou da CCSH e, assim, também parece expressar mais liberdade na forma como compreende a história desta.



Por sua vez, Moisés atribui o fato de muitos terem se reunido ao seu redor, e o *poder* com o qual se reconhecia que ele pregava, à “graça especial” que havia recebido no *Despertar*<sup>23</sup> e que, a partir de então, modificara sua vida por inteiro, chamando-o a uma *radicalidade* que só poderia ser vivida por meio de uma *entrega total* de si e, nessa entrega, daqueles que estavam no seu entorno:

A partir daquele momento começamos uma caminhada de vida de oração e atividade apostólica cada vez mais intensa. Descobrimos que contávamos com o poder de Deus e assim a obra de evangelização não precisava mais ficar limitada à boa vontade e técnicas humanas, mas seria revestida do poder do Espírito que se manifesta através de seus frutos e carismas. Animados pelo Espírito, fomos crescendo em uma saudável criatividade para anunciar o Evangelho<sup>24</sup>.

Eu era coordenador do grupo de jovens do Colégio Cearense. E a gente começou a levar essa experiência da efusão do Espírito Santo no meu grupo e *ali começou a surgir a inspiração, e a iniciativa começou de mim*, partilhando com meus amigos, aquilo que ardia no meu coração<sup>25</sup>.

Assim, na narrativa oficial, foi partir da experiência pessoal de Moisés e da centralidade de sua *persona* aos poucos consolidada no grupo de jovens do Colégio Cearense, iam se dando os passos iniciais de uma empreitada religiosa que fundamentaria a constituição de uma vivência comunitária mais acentuada. O desejo forte de evangelizar, inicialmente vivenciado coletivamente, e depois capitalizado por Moisés como *seu*, foi sendo incorporado por todo o grupo dos doze jovens<sup>26</sup> que com ele reuniam-se: Ricardo Sá, Luiza Façanha, Paccelli, Renato Neto, Osiel, Alberto, Mirna, Germana, Paizinha, Solange e Celeste. A decisão coletiva pela evangelização mais radical, por assim dizer, é assim relatada nos “Escritos”<sup>27</sup> da Comunidade

*Fomos sendo conduzidos por Deus para uma vivência de serviço e fraternidade que fazia de nós mais que membros de um grupo de oração. O sonho de uma vida comunitária nos alentava, mas víamos como algo longínquo [...] O projeto de Deus era muito mais audacioso e naquele tempo era imperceptível para nós [...] O desejo de levarmos a outros jovens a vida de Jesus e a experiência do Espírito era algo maior do que nós mesmos. O mais que realizávamos nos parecia pouco diante dos muitos que necessitavam, principalmente aqueles que estavam mais afastados. Foi ao refletirmos em oração sobre esta situação que pouco a pouco a vontade de Deus foi se manifestando*<sup>28</sup>.

<sup>23</sup> Evento católico do qual havia participado, em 1976.

<sup>24</sup> CHAGAS JR., João Wiles Rebouças. **Uma obra nova para um novo tempo**: a espiritualidade da Comunidade Católica Shalom. Aquiraz, Ce: Edições Shalom, 2012, p.54.

<sup>25</sup> Moisés de Azevedo, em entrevista ao autor, realizada em março de 2016.

<sup>26</sup> O “grupo dos doze”, a partir de entrevistas com os membros da CCSH, nunca foi referenciado como de importância para a história da Comunidade. Seus nomes apareceram somente em três entrevistas (Célio, Luiza e Luciana, não por acaso, os que estavam desde os inícios). Isso me pareceu sugerir, o que será discutido no capítulo seguinte, uma desimportância destes *construída historicamente*, assim como uma desimportância dos cinco primeiros, na *memória oficial* da Comunidade, o que auxilia no “culto” da força centrípeta que aglutinou-se na pessoa de Moisés, que não compartilha com outros as “inspirações vindas de Deus” que formariam as bases da espiritualidade shalom.

<sup>27</sup> “Escritos” são os textos através dos quais, segundo se crê, revela-se a “vontade divina” por excelência aos membros de uma comunidade. Ele reúne os elementos fundamentais do “carisma”, tais como revelados “por Deus” à pessoa do fundador. No caso da CCSH, esses “Escritos” compreendem os textos já mencionados anteriormente.

<sup>28</sup> LOURO FILHO, Moisés Azevedo. **Escritos**. 6.ed. Aquiraz, Ce: Edições Shalom, 2012, p. 114.

Feitas essas considerações sobre o contexto em torno do catolicismo carismático em Fortaleza, no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, passo agora a apresentar alguns elementos, tidos como fundamentais para a compreensão da gênese da CCSH, sempre estreitamente ligados à pessoa de seu fundador, Moysés Azevedo.

### **3- As Narrativas das Origens da CCSH em Torno do Mito Fundador: a Oferta aos Pés do Papa e a Ideia/Inspiração de uma Lanchonete para Evangelizar**

Coletividades, em especial aquelas de viés religioso, costumam adotar explicações mitológicas para transmitir sua gênese, constituindo-se tais explicações como aquilo que, *a posteriori*, caucionará a memória coletiva<sup>29</sup> do grupo. Nessa memória, e a partir dela, forja-se a identidade do grupo. Nesse sentido, considero que a CCSH assenta-se num *mito de fundação* que recorrentemente aparece nos depoimentos de seus membros, legitimado por estar contido nos *Escritos* da Comunidade, assim como reiteradas vezes é referenciado nas pregações realizadas em diversos eventos, bem como nas autorepresentações que a Comunidade faz de si. Sem tal “mito de fundação” não seria possível compreender a Comunidade.

Constituem tal *mito de fundação* na CCSH dois fatos que aparecem, no presente, como encadeados: a escolha de Moysés para representar a Arquidiocese de Fortaleza durante o ofertório da missa realizada por ocasião do X Congresso Eucarístico Nacional, realizado em julho de 1980, no Estádio Castelão, ocasião na qual entregaria ao papa João Paulo II um presente; e a inauguração, em julho de 1982, da Lanchonete Shalom.

Convém aqui explicitar a que conceito de *mito* estou me referindo. Não estou utilizando o conceito como sinônimo de *ideia falsa*, *embuste* ou *enganação*. Minha perspectiva é a do mito enquanto uma *mitificação* de fatos e de pessoas, que engendra uma narrativa dos tempos imemoriais cuja linguagem deve ser, por seus adeptos, absorvida, legitimada e reproduzida, e pelos pesquisadores, compreendida. Somente a compreensão de tal narrativa mitológica permite ensaiar, por parte do pesquisador, possíveis explicações do fenômeno estudado. Um *mito*, pois, é algo a ser *compreendido*, bem mais do que pretensamente *desmascarado*. Compreender estas

<sup>29</sup> Maurice Halbwachs (2003) considera de fundamental importância a atenção do pesquisador, que trata de coletividades, o fato de que os sujeitos nelas envolvidos “recordam em comum” os fatos do passado, assumindo estes uma vital importância para suas vidas presentes, uma vez que são representados de forma coletiva, como a corresponder à história de toda a coletividade. Tal me parece ser o caso da CCSH, a partir da construção de uma “memória coletiva” produzida por meio da “memória individual” de seu fundador. Esse assunto, contudo, será melhor desenvolvido no capítulo seguinte.

narrativas que engendram coesão a um grupo é interpretar “o fluxo do discurso social”, cabendo ao pesquisador uma dura tarefa de

[...] descobrir as estruturas conceituais que informam os atos dos nossos sujeitos, o “dito” no discurso social, e construir um sistema de análise em cujos termos o que é genérico a essas estruturas, o que pertence a elas porque são como são, se destacam contra outros determinantes do comportamento humano. Em etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo [...] <sup>30</sup>.

Assim, a narrativa mitológica elabora uma “discurso social” que pretende-se coeso, pois vale-se dele para a construção/manutenção/reprodução da identidade coletiva, mistificando os fatos no intuito de que estes tornem-se uma *natureza*, ou seja, os fatos, de contingentes e históricos, passam a ser compreendidos como *escritos nas ordem das coisas*, ou mesmo, como é caso aqui analisado, como sinais da *predestinação divina*: “o Moisés não precisou fazer nada, apenas se entregou nas mãos de Deus”, disse-me Jaqueline Matias.

Como e a partir de que condições objetivas Moisés foi o *escolhido*<sup>31</sup> por Dom Aloisio para representar a Arquidiocese de Fortaleza no referido Congresso Eucarístico? Essa questão, humana e sociológica de *per si*, não aparece no cotidiano da Comunidade, uma vez que a narrativa mitológica procura, por diversos meios, inclusive coercitivos, impedir o acesso à outras possíveis explicações. Como lembra Roland Barthes, “o mito não esconde nada: tem como função deformar, não fazer aparecer”<sup>32</sup>. É próprio ao mito apresentar-se como um fato, e um *fato indiscutível*, transformando-se na pura realização da história transformada em natureza. Narra, pois, algo que *é porque é*, que obedece à *ordem das coisas*, que apresenta-se como *foi assim* e só poderia *ter sido assim*, algo que se deve *crer*.

De acordo com Mircea Eliade,

[...] o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. [...] É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que *realmente* ocorreu, do que se manifestou plenamente<sup>33</sup>.

<sup>30</sup> GEERTZ, Clifford. “Do ponto de vista dos nativos”: a natureza do entendimento antropológico” In: GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 38.

<sup>31</sup> Ter sido o “escolhido”, na crença da Comunidade, adquire dois sentidos: o histórico, acontecido em 1980, e o “divino”, pois ali, segundo creem, já se manifestara sua “predestinação” e, com ele, a de toda a Comunidade.

<sup>32</sup> BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1989, p. 143.

<sup>33</sup> ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1986, p.11.

O que “realmente aconteceu” segundo a narrativa do mito, complemento, retendo, contudo, sua ideia de que o mito funda-se, e funda, a imagem de um “tempo primordial”, “tempo fabuloso”. Tal parece ser a mesma compreensão de Malinowski, para quem o mito, nas sociedades primitivas, constituía-se como “uma realidade viva, que se acredita que ocorreu nos tempos primevos e que continua desde então a influenciar os destinos do mundo e dos homens”<sup>34</sup>. Por isso, diz-nos o antropólogo britânico, o mito é real e vivo, pois essa “história da origem contém literalmente o código legal da comunidade”.

Assim, de um lado, a realidade do mito repousa em sua função social; de outro lado, uma vez que nós começamos a estudar a função social do mito, e portanto a reconstruir seu sentido completo, nós somos gradualmente levados a reconstruir a teoria completa da organização social nativa<sup>35</sup>.

O fortalecimento da tradição, a reconstrução do passado, bem como sua legitimação e transformação em algo entendido como sobrenatural, expressão de uma *predestinação* é o movimento próprio ao mito. Feitas essas considerações, passo à análise dos elementos do “mito fundador” da CCSH.

### 3.1- A vista de João Paulo II à Fortaleza: a narrativa em torno do “escolhido”

A ação missionária dos jovens ligados aos colégios citados anteriormente, liderados pelo irmão Maurício e observados de perto por Dom Aloisio, aprofundava-se cada vez mais, em especial na intensificação de seus contatos. Os momentos de lazer, inclusive, passaram a ser realizados cada vez mais juntos. Duas casas serviam de apoio para reuniões e/ou retiros dos jovens: a dos pais de Ricardo Sá, em Fortaleza, e a casa da família de Moisés, na praia da Taíba. Foi em uma dessas idas à casa da Taíba que, segundo Luiza Façanha, a primeira inspiração de uma vida mais comprometida com a Igreja, no sentido de uma dedicação mais radical, foi se desenhando.

Fomos à essa casa da Taíba para passar a semana santa, numa espécie de retiro. Mas o Moisés não avisou à família dele e estavam todos lá. A solução que encontramos foi ficar todos na casa de uma irmã dele que ainda estava em construção. Nesse retiro *Deus falou muito, por meio de cada um de nós, e já fomos entendendo algo mais profundo dirigido a nós*<sup>36</sup>.

<sup>34</sup> MALINOWSKI, Bronislaw. *Estudios de psicología primitiva*. Buenos aires: Editora Paidós, 1974, p. 100.

<sup>35</sup> MALINOWSKI, Bronislaw. *Estudios de psicología primitiva*. Buenos aires: Editora Paidós, 1974, p. 114-115.

<sup>36</sup> Observe-se, mais uma vez, a distribuição “coletiva” das “inspirações” dadas ao grupo.

O ano era 1980 e Moysés, estando à frente do grupo de jovens do Colégio Marista Cearense, já acumulava prestígio junto à nascente RCC, sendo já o “jovem que pregava com poder”, de que Emmir Nogueira falara antes. Com sua crescente legitimidade (capital religioso acumulado/incorporado<sup>37</sup>) frente ao campo católico carismático de Fortaleza, Moysés foi escolhido, em junho, para representar a Arquidiocese de Fortaleza em uma entrega de presente, durante o ofertório da missa, ao papa João Paulo II. Segundo conta, o cardeal deixou-lhe escolher que presente ofertaria ao papa, e Moysés acabou por escolher “ofertar sua vida pela evangelização dos jovens da cidade de Fortaleza”, em especial daqueles que estavam afastados do catolicismo:

Em 1980, o Papa veio visitar a Arquidiocese de Fortaleza. Nosso cardeal, D. Aloisio disse-me:

“Você vai *representar todos os jovens* da Arquidiocese durante a Missa com o Papa. Você lhe apresentará a oferta de todos os jovens”. Perguntei-lhe:

“O que poderíamos oferecer ao Papa, nós, os jovens?”

“Veja você, *decida você*”, respondeu.

*Pus-me a rezar* para saber o que deveríamos oferecer e tive a seguinte inspiração:

“Por que não oferecer ao Santo Padre a minha disponibilidade para *comprometer-me totalmente na evangelização voltada para os jovens* que estão distante de Deus?”. Decidi-me por isto.

Foi o que aconteceu. Jamais havia visto o Papa e pensava que seria tudo muito simples. Não foi. *Foi um momento de muitíssima graça para minha vida*. Durante o dia, ensaiei o que iria dizer-lhe quando o visse. Chegada a hora de fazer meu discurso, porém, à medida em que caminhava em sua direção, senti-me tomado por uma extraordinária presença de Deus. Presença tão forte, tão poderosa, que ainda hoje não consigo lembrar com exatidão o que aconteceu. Só lembro de ter gaguejado e, depois, ter ficado totalmente mudo, até que, por fim, *o meu olhar e o do papa se encontraram*. O papa levantou a mão e me abençoou. Tenho certeza de que aquele momento, aquela benção, *foi o momento de fundação da Comunidade Shalom*<sup>38</sup>.

Cumpra aqui destacar alguns elementos desse testemunho de Moysés que servirão como balizas de sua crida *predestinação* e da *excepcionalidade* da Comunidade, uma vez que tal testemunho é, bem mais que a pura narrativa de um fato, uma releitura do mesmo, uma ressignificação à luz do que, depois, constituiria a Comunidade<sup>39</sup>. Não é meu interesse averiguar se os fatos transcorreram como está dito, mas sim como eles são narrados e que consequências se depreendem de tal narrativa mitológica.

O primeiro elemento é o seguinte: Moysés é *escolhido* para representar *todos os jovens* da Arquidiocese. Sua escolha, assim, aparece como representativa de toda uma

<sup>37</sup> Em sua teoria sociológica, Pierre Bourdieu admite a possibilidade de três estados do capital social (conjunto de recursos que estão ligados a uma rede de relações institucionalizadas de um agente que estão ligadas a um grupo) e que adquire tons a partir do campo de que se está tratando (político, artístico, religioso, etc): pode ser incorporado, institucionalizado ou objetivado. Nesse momento, parece-me que Moysés portava um considerável capital religioso “incorporado”, ou seja, uma notoriedade que estava ligada diretamente ao seu corpo, à sua pessoa, sendo tal notoriedade uma propriedade sua. Cf. BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 74.

<sup>38</sup> LOURO FILHO, Moysés Azevedo. **Vós, quem dizeis que eu sou?** – incluindo testemunho de vida do autor. 5.ed. Aquiraz, Ce: Edições Shalom, 2011, p. 21-22.

<sup>39</sup> Luiza Façanha afirma que “essa história da oferta do Moysés ao papa, de dar a vida dele, isso não apareceu para nós naquele momento, foi uma coisa muito pessoal dele, não teve isso que hoje eles dizem, não”. Portanto, estamos diante de uma memória produzida.

# HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

coletividade: não representa apenas os jovens do Colégio Marista, nem somente os jovens da RCC, mas todos os jovens de Fortaleza. Todos, pois, estavam ali representados; contudo, nesse *todos* está compreendido, acima de tudo, o coletivo formado por aqueles que constituiriam a CCSH, o que pode explicar o por quê de, hoje, mesmo os membros mais novatos da CCSH referirem-se a esse acontecimento como *nossa oferta diante do papa*, ou seja, sempre utilizando o plural *nós*, no qual se incluem, para referir-se a um fato biográfico de Moysés.

O segundo elemento importante dessa narrativa expressa-se na suposta confiança do cardeal (“*decida você*”) em Moysés que, presente aqui na narrativa mitológica, acompanharia o *habitus* da Comunidade de representar a Igreja, de apresentar-se como *fiel à Igreja* ou mesmo como *representante da Igreja*, pelo motivo de fazer somente, e tão somente, “aquilo que a Igreja nos pede”<sup>40</sup>. Mais do que isso, demonstraria uma suposta confiança da Igreja em Moysés e, depois, na própria CCSH, fruto, ao que se crê, de sua *excepcionalidade*. Assim, pondo-se “a rezar” (terceiro elemento), pois sua escolha não poderia vir de uma simples reflexão, mas como fruto de uma oração, de um diálogo com o divino, Moysés se compromete a dar sua vida completamente pela causa da evangelização dos jovens de Fortaleza (quarto elemento), tendo sido penetrado pelo “olhar do papa” (quinto elemento), que demonstrava, junto com a confiança do arcebispo de Fortaleza, a legitimação da Igreja para si. Assim, pois, fundara-se, em gérmen, a CCSH.

Imagem 3: Moysés entrega presente a João Paulo II.



Fonte: comshalom.org

Sobre o significado e a dimensão do ofertório, Moysés assim se expressa:

<sup>40</sup> Frase de Emmir Nogueira, durante entrevista realizada por mim.

# HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

[...] momento fundamental para mim foi *meu encontro pessoal* com ele (papa) no X Congresso Eucarístico Nacional, em 1980. Naquele momento eu, com 20 anos, aos seus pés, tive a oportunidade de oferecer a minha vida e juventude a Cristo e à Igreja, para evangelizar todos aqueles que estavam longe de Cristo e da sua Igreja. Duas imagens jamais foram apagadas da minha memória: seu olhar que me traspassava e sua mão que me abençoava. *Ali a semente da Vocação Shalom, já presente em meu coração, desabrochou.* Foi um momento único e fundamental para mim e para toda a Comunidade.

Afirmar que ali, naquele ofertório, a Comunidade foi fundada, como “semente”, parece-me um importante mecanismo de, mitologicamente, fazer crer, como a história da Comunidade o demonstra, que as primícias da Comunidade estavam em Moisés, e não no grupo que, aos poucos, foi dando legitimidade às suas orientações. Apesar do apoio e da parceria dos companheiros de empreitada, foi somente na *sua oferta*, que à época nenhum sentido coletivo teve, que se desenrolou o projeto comunitário. O que lhe foi significativo, ao assumir um teor *mitológico*, passa a ser significativo para toda a Comunidade, constituindo a *história* da mesma.

Cassiano Azevedo, arquiteto consagrado na Comunidade de Vida, membro da Comunidade desde 1986, e que fazia parte do grupo de oração Adonai (o mesmo de Emmir Nogueira), o grupo mais “intelectualizado” da época, assim relembra a vinda do papa à Fortaleza:

*Eu estava no Castelão também, estava no campo fazendo uma coreografia. Peguei na mão do papa. O Moisés ofertou a sua vida em favor dos jovens. Ele não tinha nenhuma programação, nenhuma pré-intenção. Só quando o Shalom fez dez anos é que ele foi descobrir que havia uma coincidência. Eu acompanhei o Moisés nesse tempo, e vi que Deus foi desenhando as peças desse quebra-cabeça. Fui junto com o Moisés trabalhar na FEBEMCE. Quando nós chegamos lá vimos os jovens mais caros e mais carentes, *tínhamos nos comprometido com o papa de cuidarmos dos jovens.* Era uma coisa terrível. Foi passando o tempo e víamos que não era nada daquilo. Em 1980 o Moisés tinha pregado o retiro do padre Caetano. Acabamos em junho e, em julho, o papa chegou<sup>41</sup>.*

Apesar de ter sido, na história da CCSH, um importante membro (dedicou-se às artes, em especial à pintura de ícones, com cursos fora do país; publicou um livro sobre São José; foi responsável, por muito tempo, pelo ministério de “cura e libertação” da Comunidade, ganhando notoriedade dentro e fora da Comunidade em orações de cura – papel hoje desempenhado pelo padre Antônio Furtado-, além de ter sido formador comunitário da missão de Fátima, por muito tempo a segunda mais importante em Fortaleza), Cassiano não tem sua presença registrada entre aqueles que também

<sup>41</sup> Entrevista realizada em abril de 2016.

estavam no Castelão, no *dia de fundação* da Comunidade. Também “pegou na mão do papa”, como afirma<sup>42</sup>. A crença na predestinação de Moysés – “*ele não teve nenhuma pré-intenção*” – revela a já sedimentada força na narrativa de fundação, complementando-se com a lembrança de que naquele ano, pouco antes da chegada de João Paulo II à Fortaleza, Moysés havia sido o pregador de um retiro coordenado pelo Padre Caetano, fundador do Instituto Jerusalém e, à época, importante nome da RCC em Fortaleza. Estamos assim, pois, diante de algo semelhante ao que Hobsbawn considera como “tradições inventadas”, uma vez que aqui vemos como o ofertório, enquanto fato histórico, foi utilizado para servir como “cimento da coesão grupal”<sup>43</sup>.

Padre João Wilkes, representante da Comunidade junto aos escritórios da Santa Sé, residente na Itália, chega a ir além: enxerga na Comunidade a oferta de dois corações – de Moysés e de João Paulo II. Vejamos seu argumento (que sedimenta, a meu ver, o mecanismo de legitimação da Comunidade como uma realidade que foge à toda e qualquer projeção humana, portanto, que também leva os atos de seu fundador a serem encarados como “além” do humano, ou do humanamente pensável). No que pretende ser “um primeiro estudo acadêmico sobre a espiritualidade da Comunidade Católica Shalom”, como lê-se em suas páginas iniciais (mas que, estranhamente, constitui-se como um longo comentário a textos escritos por Moysés, sem nenhuma análise acadêmica propriamente dita), o padre expressa-se nestes termos:

No dia 09 de julho de 1980 Moysés de Azevedo Filho fez, “aos pés de João Paulo II”, durante a missa de abertura do X Congresso Eucarístico Nacional, em Fortaleza, a oferta de toda a sua vida pela evangelização dos jovens mais distantes de Deus e de Sua Igreja. Naquele momento, o Papa havia dito que ofereceria os dons espirituais de todos aqueles que participavam do Congresso e de todos que encontrou durante a sua peregrinação na Terra de Santa Cruz. Aos jovens em Belo Horizonte, também num momento de ofertório, disse que ofereceria tudo o que de nobre estes traziam no coração pelo bom êxito do Congresso de Fortaleza. *Podemos dizer que a Comunidade Católica Shalom nasce como fruto das ofertas destes dois corações: de João Paulo II e de Moysés Azevedo*<sup>44</sup>.

Ressalte-se que tal narrativa sofreu uma pequena mudança: depois da canonização de João Paulo II, a frase passou a ser: “*aos pés de São João Paulo II*”. A edição de 24 de junho de 2017 do Jornal O Povo, publicada em Fortaleza, trouxe um

<sup>42</sup> Durante um dos momentos de observação de campo, ouvi um consagrado dizer que, naquele dia, “a mão do papa encontrou a mão do Moysés”. Ora, a julgar que Cassiano também é membro da Comunidade e que, portanto, também “é” Shalom, seria digno de nota, para a memória da Comunidade, o registro de outros membros, como Cassiano, que ali estiveram diante do papa. Isso, contudo, exigiria uma “divisão” da presença no “ato fundante” da Comunidade.

<sup>43</sup> HOBBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 21.

<sup>44</sup> CHAGAS JR., João Wiles Rebouças. **Uma obra nova para um novo tempo: a espiritualidade da Comunidade Católica Shalom**. Aquiraz, Ce: Edições Shalom, 2012, p.23.



testemunho de uma missionária da CCSH, por ocasião dos 35 anos da Comunidade. A missionária diz o seguinte:

Cresci ouvindo minha mãe contar sobre o dia em que viu o querido São João Paulo II bem de perto. Era 1980. Ele passou pelas ruas de Fortaleza [...] Na agenda desta visita pontifícia ao Brasil, uma missa no Estádio Castelão. Durante o ofertório, Moysés Azevedo assumia o compromisso de ofertar sua vida pela evangelização dos jovens. *Nascia a vocação Shalom*. Oferta fecunda que foi instrumento para alcançar minha vida 28 anos depois<sup>45</sup>.

Na mesma edição, um texto do padre Rafael Maciel diz:

Na visita do Santo Padre, o papa João Paulo II, o jovem Moysés Azevedo a convite de Dom Aloisio, à época arcebispo local, entregou ao papa, no momento do ofertório da missa, uma carta na qual oferecia sua vida a Deus, pela evangelização dos jovens. Certamente o jovem Moysés não imaginava o quanto aquela carta de entrega tocaria o Coração de Jesus. Após 35 anos, a *Comunidade Católica Shalom é o fruto daquela hora*<sup>46</sup>.

Na verdade, a Comunidade, ou ao menos seus primeiros núcleos, é fruto de um grande esforço coletivo, de entrega coletiva, de dedicação coletiva de vários jovens da Arquidiocese de Fortaleza. A *memória autorizada* da CCSH, contudo, centra-se em uma *persona*, em uma entrega, em uma biografia. Ocorre, contudo, que o trabalho de construção da memória de uma coletividade estabelece-se a partir de vozes autorizadas que constituem-se como um “grupo de referência”, que estabelece uma “comunidade de pensamentos”<sup>47</sup>. A dimensão alcançada pela narrativa em torno do “ofertório de Moysés” é tal que o próprio texto eclesialístico de reconhecimento pontifício o apresenta como “marco” fundamental para a compreensão da história da Comunidade<sup>48</sup>.

[Em] 09 de julho de 1980, o fundador da Comunidade Católica Shalom teve a oportunidade de encontrar o Beato João Paulo II, por ocasião da Santa Missa inaugural do X Congresso Eucarístico Nacional em Fortaleza, que aconteceu durante a primeira viagem apostólica do Papa ao Brasil. *Foi durante aquela Celebração Eucarística que desabrochou no fundador o carisma da Comunidade*. Naquele dia ele quis dar como oferta ao Santo Padre a sua *juventude* e toda a sua vida, como o objetivo de contribuir para a evangelização dos jovens, assim como, para a de todas as pessoas distantes de Jesus Cristo e da Igreja<sup>49</sup>.

<sup>45</sup> CASTRO, Carol. O que ganha um missionário. **O POVO**, edição de 24 de junho de 2017. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/opiniao/2017/06/carol-de-castro-o-que-ganha-um-missionario.html>. Acesso em 10 nov 2018.

<sup>46</sup> MACIEL, Rafael. Comunidade Católica Shalom – 35 anos de evangelho concreto. **O POVO**, edição de 24 de junho de 2017. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/opiniao/2017/06/comunidade-shalom-35-anos-de-evangelho-concreto.html>. Acesso em 10 nov 2018.

<sup>47</sup> Halbwachs (2013) lembra que o grupo de referência permite aos sujeitos acionar modos de pensamento e experiências que são comuns ao grupo como um todo, sendo as lembranças dos fatos passados fruto da mobilização da própria memória produzida pelo grupo, que co-funde o passado da instituição e, nele, o do próprio sujeito. Lembrar os fatos, portanto, nada mais é do que reconhecer o “construído”, o “produzido”, o “fabricado”.

<sup>48</sup> O que permite visualizar uma “confirmação” eclesial à narrativa, legitimando-a ainda mais perante os membros da CCSH.

<sup>49</sup> COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. **Estatutos**. Aquiraz, Ce: Edições Shalom, 2011, p.6.

Nos mecanismos de produção de uma memória coletiva não é necessário que os indivíduos por ela atingidos estejam presentes quando dos fatos narrados. Na verdade, quanto mais distante dos fatos estiverem no tempo, mais eficaz será a “amnésia da gênese” e, portanto, mais força terá o *foi assim*, entrando em cena a força da persuasão, como nos lembra Halbwachs (2013).

O trabalho de contínua produção/reprodução da memória coletiva<sup>50</sup>, no que tange à leitura do ato de *oferta de Moisés* ao papa João Paulo II, reiteradas vezes observadas por mim<sup>51</sup> importa por mobilizar incessantemente a memória do grupo, configurando-a nos pormenores, sem deixar espaço para outras possíveis leituras, mantendo uma considerável coesão no grupo que se une a partir dessa memória.

O caso da elaboração de uma memória coletiva na CCSH pode ser compreendido como exemplar daquilo que Danièle Hervieu-Léger considera o traço fundamental de grupos religiosos em meio à contemporaneidade:

No caso das sociedades diferenciadas, onde prevalecem as religiões fundadas que provocam a emergência de comunidades de fé, sendo elas mesmas consideradas como tal, a memória religiosa coletiva torna-se o desafio de uma construção indefinidamente recomeçada, como se o passado inaugurado pelo acontecimento histórico de fundação pudesse ser assumido em todos os momentos como uma totalidade de significados. Na medida em que se aceita a suposição de que todo o significado da experiência do presente possa estar contida, de maneira pelo menos potencial, no acontecimento fundado, o passado fica sendo aceito simbolicamente como um todo imutável e situado “fora do tempo”, isto é, fora da história. Ligado constantemente a esse passado, o grupo religioso define-se objetiva e subjetivamente como uma “descendência de fé”. Isto quer dizer que o grupo se organiza e se reproduz totalmente a partir do trabalho da memória que alimenta essa auto-definição<sup>52</sup>.

Para a socióloga francesa, uma religião se define, antes de tudo, pela transmissão e perpetuação de uma “memória”, produzida a partir de um acontecimento fundante, gerador de uma “linhagem de crença” que implica na mobilização de uma certa memória, cujo caráter é, eminentemente, coletivo. Ao definir a religião como um “dispositivo ideológico, prático e simbólico” através do qual se controla a consciência dos indivíduos e dos grupos por meio da “pertença a uma linha de crença particular”<sup>53</sup>, a autora nos permite compreender o papel desenvolvido pela mobilização da memória

<sup>50</sup> Camurça (2007, p. 252), ao comentar a obra de Danièle Hervieu-Léger, destaca o seguinte: “A normatividade específica da memória religiosa se expressa na estrutura dos grupos, movimentos, instituições religiosas, através da constituição de uma memória “verdadeira”: “memória autorizada, produzida por especialistas que se tornam detentores da mesma e erigem um poder religioso em torno dessa memória, única via de acesso ao “mito de origem”.

<sup>51</sup> Todas as missas de que pude participar, com a presença de Moisés, observei-o a, quando do momento do ofertório (em que os fiéis depositam uma quantia em dinheiro como oferta), lembrar que “a Comunidade nasceu num momento como esses, aos pés de São João Paulo II, portanto seja generoso na sua oferta como fomos naquele dia”, sempre relembrando o ato de 1980.

<sup>52</sup> HERVIEU-LEGER, Danièle. **La religión, hilo de la memoria**. Barcelona: Herder Editorial, 2005, p. 87.

<sup>53</sup> HERVIEU-LEGER, Danièle. **Catolicismo: el desafío de la memoria**. **Sociedad y Religión**, Madrid, vol.14/15, 1196, p.11.

para a constituição de grupos religiosos como portadores de uma “linhagem”. Na verdade, o que é próprio a um agrupamento religioso é sua intrínseca ligação com uma memória, através da qual se gera o *sentido* do grupo. Assim sendo, a obra da socióloga francesa nos permite compreender como

A experiência do presente se encontra aprisionada no evento fundador de um passado que se situa como um todo imutável (fora da história e do tempo), ao qual o grupo religioso se liga por uma “linha crente”. A crença religiosa é uma crença específica na continuidade da “linha crente”. É o processo de conservação e reprodução desta “linha” por meio da memória religiosa que garante a permanência da religião, dando sentido ao presente e assegurando o futuro dentro do percurso da “linha”, cujo ponto de origem é o passado sempre perenizado<sup>54</sup>.

Como uma “comunidade de fé”, formada por sujeitos que decidem por ingressar nela, a CCSh inaugura-se, para seus membros, a partir desse *acontecimento histórico de fundação* que é o *ofertório*, compondo nele e por ele a totalidade de significados de que é possível para acionar a crença de que todos, ao *estarem lá com Moisés*, formam uma única e mesma coletividade, *herdeira do sim primeiro* de seu fundador, inscrevendo, assim, todos naquela mesma linhagem. O trabalho da “produção da memória” constitui-se, além dessa reiterada referência ao *ofertório*.

Da minha conversão até a maturidade, ali se resume, no ofertório, minha experiência de Jesus. *O ofertório resume a minha história*: dou a Jesus, aos pés da Igreja, a minha vida. Eu sou igreja, oferto minha vida em favor dos jovens. *Isso é a Comunidade Shalom*. (Moisés Azevedo em entrevista a essa pesquisa)

A experiência pessoal de Moisés, pois, porta uma *eficácia simbólica* porque, como nos lembra Austin<sup>55</sup>, a linguagem configura-se como uma atuação sobre o real, constituindo o próprio real como real, uma vez que as “condições de sucesso” de um discurso, como o de Moisés, dependem de um certo compromisso assumido pelas partes no ato comunicativo, entre este e seus seguidores: aquilo que ele fala não é sua própria voz, uma voz humana, mas a própria voz *divina*.

No jantar realizado pela comemoração dos 35 anos da CCSh, Moisés lembrou que

A Comunidade, nós sabemos, ela nasceu de uma oferta. E quando a gente fala a gente se remete logo para *o nosso encontro com São João Paulo II*. E é preciso se remeter ainda mais, se remeter para a oferta de Cristo. É na oferta de Cristo que toda a nossa vida foi fecundada. (Anotação de diário de campo)

<sup>54</sup> CAMURÇA, Marcelo. A sociologia da religião de Danièle Hervieu-Leger: entre a memória e a emoção In: TEIXEIRA, Faustino (org.). **Sociologia da Religião**: enfoques teóricos. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 251.

<sup>55</sup> AUSTIN, John Largshaw. **Quando dizer é fazer**: palavras e ação. Tradução: Danilo Marcondes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

Goretti Menezes, consagrada na Comunidade de Vida, membro desde a segunda turma, de 1986, afirma que:

O Moysés sempre coloca que nascemos aos pés de São João Paulo II, realmente, e faz o reconhecimento de que nós nascemos ali, espiritualmente, nos planos de Deus, na providência divina, e nascemos fisicamente na lancheonete<sup>56</sup>.

Se o *Moysés sempre coloca*, sendo ele o portador legítimo da memória autorizada, é porque é, deve ser crido e reproduzido. Ser narrada como *nascida aos pés do papa*, ao que me parece, constituiu-se como uma importante base de legitimação da CCSH, uma vez que tal narrativa aciona imaginários em torno da obediência à Igreja, submissão, comunhão de ideias e, principalmente, o beneplácito da instituição. O encontro pessoal de Moysés é representado como um encontro da coletividade, da comunidade, de todo e qualquer que venha a dela fazer parte. É a construção da *linhagem de fé*, da qual falou Hervieu-Leger anteriormente.

Um vídeo institucional, produzido por ocasião dos 30 anos da Comunidade, trazia a seguinte mensagem: uma foto de Moysés, aos pés do papa, com os dizeres: “1980, uma vida”. Depois, a imagem de vários membros da Comunidade: “2012, muitas vidas”. Por ocasião da cerimônia de reconhecimento pontifício no Vaticano, em 2012, na Basílica de São Pedro, durante pregação realizada aos membros da CCSH, Moysés assim se dirigiu a estes:

Nos remeter à nossa origem nos dá a resposta: 1980! Diga o seu nome. Você, você foi convidado para dar um presente ao papa. Você! [...] Em nome de toda a humanidade! [...] Você, se pergunte: “que presente eu posso dar ao papa?” Você, que tem dentro de você, desde toda a eternidade, sem saber o germen da vocação, outra coisa não tem a dar a não ser sua juventude [...] E você, mesmo que ainda não tivesse nascido, você estava lá, aos olhos de Deus era você [...] Você não conseguiu dizer nada, só estender suas mãos e entregar a carta, onde você entregava sua vida e sua juventude [...] Aí, você viu os olhos do papa olharem você e penetrarem sua alma [...] não era só o papa que te olhava, mas Cristo e a Igreja te olhavam. (DVD Aos Pés de Pedro)

O convite ao interlocutor é o da *mitificação* do encontro de Moysés com o papa e, a partir disso, o de sentir-se representado nesse encontro, no qual se desenrolava o destino “da humanidade”, pela pessoa de Moysés. Um outro depoimento de Moysés, por mim registrado em uma vigília realizada em julho de 2017, na sede administrativa da Comunidade, na cidade de Aquiraz (Diaconia), também por ocasião dos 35 anos da

<sup>56</sup> Entrevista realizada em outubro de 2016. Desde que ingressou na Comunidade, em 1986, Goretti atua no setor de formação, junto à Emmir Nogueira. Casada com João Edson, que exerce a função de assessor de Moysés, tem dois filhos.

Comunidade, aciona elementos semelhantes. Ao responder a uma pergunta acerca de sua experiência mais importante enquanto *Comunidade*, Moysés respondeu:

Com certeza, a das origens. Todos vocês conhecem a história, mas vale a pena a gente recordar. Foi a experiência das origens, quando São João Paulo II visitou Fortaleza, e quando Dom Aloisio, arcebispo de Fortaleza na época, cardeal Lorscheider, me pediu para eu dar um presente ao papa, e quando eu decidi dar minha vida e minha juventude. Eu conto essa história muitas vezes. Tô chegando de São Paulo, preguei na Canção Nova, e contei isso lá, e tantas vezes que eu conto, pra mim é que se eu me reportasse para aquele momento. E não é como se fosse de novo, mas como se fosse único. Eu me reporto para aquele momento onde eu só queria entregar minha vida a Deus e à evangelização aos outros jovens. Cada vez que eu reconto isso eu me lembro, eu me lembro forte, me volta aqui, os olhos de São João Paulo. *Aqueles olhos, olhar forte, olhar penetrante, como se entrasse na alma, um olhar que me comunicava Deus. Com certeza naquele olhar eu via o olhar de Cristo, Mas com certeza naquele olhar eu via o olhar de cada um de vocês, com certeza sem nem saber nem perceber*, eu vi o seu olhar também, porque naquele olhar, no olhar do papa, que era o olhar da igreja que me abençoava já estava o olhar de todos aqueles que esperavam a manifestação desse carisma Shalom, Por isso eu não poso dizer que outro momento mais forte, pois aquele foi decisivo e fundamental na minha vida e na vida e vocês, foi ou não foi?

A resposta dada a Moysés, naquela ocasião, foi a de um efusivo *sim*, manifestação da *descendência* forjada a partir de suas narrativas, legitimada continuamente pela Comunidade. Embora o momento em si mesmo tenha sido breve, como se pode ver nos vídeos divulgados pela própria Comunidade, a narrativa de Moysés (que envolve o toque na mão do papa, o encontro dos olhares, a profundidade do olhar *etc*), elaborada no intuito da conquista de outros, permite pensar, a quem escuta, ter sido um encontro de uma temporalidade considerável. Isso porque sua narrativa, tornada agora *mito fundante*, tornou-se mais importante do que o próprio fato em si.

Passemos, agora, à apresentação e análise do segundo elemento do *mito fundador* em torno das origens da CCSH: a inauguração da lanchonete.

### 3.2- A Lanchonete Shalom: os primeiros passos da experiência comunitária e a legitimação da autoridade do líder Moysés

Após a visita do papa, os grupos de jovens continuaram a reunir-se, cada qual em seu colégio de origem (Marista, *Christus* e Santa Filomena). A RCC caminhava para um comprometimento maior de seus membros e, cada um a seu modo, Emmir Nogueira e Moysés Azevedo iam adquirindo maior notoriedade no cenário católico de

Fortaleza. Como dito anteriormente, à medida que se intensificaram seus contatos e reuniões de grupo, surgia o desconforto em “misturarem-se” com os jovens “do mundo”, em especial com os lazeres proporcionados por estes e para estes.

Durante exposição no “*Forun Juventud e Interioridad*”, realizado em janeiro de 2016 na cidade de Ávila (Espanha), Emmir Nogueira fez uma sucinta exposição sobre o contexto anterior ao aparecimento da lanchonete. Mantenho o idioma com o qual o texto, enviado a mim pela própria autora, foi escrito:

Los jóvenes se multiplicaban en mi casa, o en la casa de la familia de Moisés, o en los encuentros y Seminarios de Vida en el Espíritu que organizábamos. Aunque no todo eran flores. *A los padres de los jóvenes no les gustaba ver a sus hijos orando, leyendo la Biblia, trabajando en la Iglesia.* Así que un día nos llamaron para una reunión y me plantearon la pregunta que nos hacíamos a nosotros mismos. “¿qué tienes tú de especial? ¿Qué haces para que nuestros hijos quieran estar tanto contigo y en la Iglesia?” Mi respuesta fue una sorpresa para mí misma: “No soy yo. Somos un grupo. Lo que hacemos es muy sencillo: estamos siempre dispuestos a oírles, tenemos largas conversaciones sobre Dios y Su voluntad; compartimos la Palabra de Dios; vamos juntos a la misa y aprendemos a orar.” Hoy puedo darme cuenta de que lo que hacíamos que resultaba tan atrayente era precisamente el mismo trabajo del Espíritu que en Hechos 2 y 4.

Observe-se que o trabalho de evangelização dividia-se, além dos grupos existentes entre as casas de Moisés e Emmir, e que sua fala acima confirma o que havia dito anteriormente: a este tempo não havia uma liderança *dada*, uma vez que a força era do grupo, um projeto coletivo de evangelização. Tanto assim que, ao ser questionado sobre o que fazia para atrair tantos jovens em seu entorno, Emmir afirma ter respondido: “*não sou eu, somos um grupo*”. Apesar disso, na entrevista concedida à pesquisa por mim realizada, Moisés afirmou ter saído do encontro com o papa “*já uma forte liderança*”.

Célio Di Cavalcanti relembra assim o surgimento da ideia de uma lanchonete, durante uma festa realizada na casa de Ricardo Sá<sup>57</sup>:

Eu estava na festa do surgimento da ideia, quando Moisés veio e falou da ideia da lanchonete, e todo mundo começou a divagar. Ouvei e achei legal. *Depois é que eles (grupo do Cearense) começaram a trabalhar a vida comunitária, começaram a se reunir, pensar no assunto.*

A ideia da lanchonete como uma *inspiração*, como na narrativa oficial, é comparilhada por outro membro da Comunidade, desta vez salientando-o como “*um desejo forte do Moisés*”, já antevendo bem mais do que uma lanchonete, mas a própria vida

<sup>57</sup> Hoje membro efetivo da Comunidade Canção Nova, sediada em Cachoeira Paulista (SP), fundada pelo padre Jonas Abib.

em comunidade (esta é a narrativa oficial, que põe toda a gênese no “sim” de Moisés, desconsiderando todos os outros “sim” dados pelo grupo):

O desejo de viver em comunidade foi ficando forte, depois o Moisés sentiu o desejo de evangelizar de maneira nova, antes da lanchonete, mas ele via no coração dele que sozinho ele não poderia fazer. Essa intuição dele, era um apelo do Espírito Santo, isso se torna cada vez mais um grande tsunami benéfico de graças para a igreja. Não é uma história de como se construiu uma lanchonete, mas de como Deus treinou 12 jovens imaturos cearenses para uma vida comunitária (Cassiano Azevedo).

O próprio Moisés, em entrevista a mim concedida, também se expressa a partir de elementos semelhantes, sempre aglutinando a narrativa mitológica em torno de sua *persona*, seus desejos, suas experiências e de como outros foram a ele se juntando:

O que eu queria naquele tempo era somente entregar minha vida, entregar minha juventude, e evangelizar, os jovens que estavam longe da Igreja, era isso minha intenção. Isso foi me impulsionando na inspiração de abrir a lanchonete para evangelizar. Isso foi me impulsionando na minha experiência de Deus, na minha experiência de Igreja, e com essa oferta de vida foi surgindo outras pessoas que foram dizendo para mim que queriam fazer o que eu tinha feito, que queriam ter ofertado a vida como eu tinha ofertado. E a gente começou a fazer uma experiência que a gente chamou de comunidade.

Observe o leitor que o *desejo* é apresentado como *dele*. Eis que surge, como *inspiração*, a ideia da lanchonete. A narrativa oficial dá conta de que Moisés havia visto, durante uma viagem ao Canadá, uma espécie de *Café Cristão*, onde os jovens iam para lanchar e seriam evangelizados. Teria sido a partir daí que seu desejo de evangelizar tomaria a forma de uma lanchonete. Outra narrativa acerca disso, não-oficial, é a seguinte:

Estava passando uma novela chamada “Marrom Glacê”, onde tinha um garçom e um café bem legal. Ele contava que estava tomando banho, tinha visto um pedaço da novela e teve essa inspiração de criar um local onde os jovens pudessem ir (Luiza Façanha).

A inspiração vinda “do banho” também parece ser compartilhada por Emmir Nogueira, na conferência referenciada anteriormente:

En los primeros meses del 82, Moisés, en la ducha, cuando se preparaba para una fiesta de cumpleaños de uno de los jóvenes del grupo, tuvo la inspiración de lo que daría lugar a lo que hoy conocemos como Comunidad Shalom: una bocadillería-sandwicheria para evangelizar a los jóvenes. Nosotros mismos seríamos los camareros y el secreto estaría en dar testimonio de nuestras vidas, de nuestra experiencia con Jesús Resucitado; oír a los jóvenes, orar por ellos. Las comidas tendrían nombres bíblicos intrigantes (Maranató, Magnificat, Aim Karen) para hacer más fácil el iniciar una conversación.

No começo de 1982, Moysés e o grupo têm a ideia de criação de um “centro de evangelização” que pudesse congregiar e servir de apoio aos jovens que caminhavam nos grupos de oração e, por isso mesmo, de instrumento de evangelização para os jovens que estavam afastados da Igreja. Para isso, seria de grande importância a construção de uma lanchonete e de uma livraria. “*um jovem não aceitaria um convite para ir a uma missa, mas aceitaria um convite para comer um sanduíche*”, é a narrativa que mais se escuta dos membros da CCSH ao falarem da ideia da lanchonete, uma vez que, “entre um sanduíche e um refrigerante”, os jovens que ali fossem receberiam “o testemunho de outros jovens, que lhes fariam o anúncio forte e cordial do amor de Deus”<sup>58</sup>.

Tendo os grupos de jovens aceito a ideia da constituição de uma lanchonete, chegara o momento de decisões mais práticas. A primeira delas, obviamente, seria a da localização: em que região de Fortaleza deveriam ficar? Os mais engajados deles (tais como Moysés, Emmir, Cassiano, Pacelli, Célio dentre outros) já realizavam trabalho de evangelização no bairro Pirambu, periferia de Fortaleza, sob a condução de Padre Caetano. Além disso, como eram todos de classe média, residentes na área nobre da cidade, não soaria tão bem assim, num contexto em que a Igreja de Fortaleza era hegemônica pela ala progressista do catolicismo, permanecer confinados na região nobre. A decisão pelo bairro da Aldeota coube a Moysés que, segundo Cassiano, havia orado e recebido o sinal de que “*seria por essa área, o que nos faria logo ser taxados de burgueses*”. Segundo conta, “*Deus não quis que fossemos para o lado de lá, nem que nos travestíssemos de serviço social para agradar os outros*”.

Com a localização decidida, faltava ainda cuidar dos detalhes práticos da abertura da lanchonete. O endereço escolhido foi a rua Coronel Jucá, número 93, na Aldeota. A casa foi alugada mas não transformou-se imediatamente numa lanchonete. Foi servindo de apoio para momentos de oração e partilha, bem como do planejamento das ações futuras. Um hiato de, pelo menos, seis meses até que se decidiu pela inauguração. Os jovens ocupavam a casa apenas para momentos de oração e vigílias, o que já ia delineando neles um *sentimento de comunidade*, pois lá dedicavam parte considerável de seus dias (na ida ou na volta da faculdade, uma vez que a esse tempo muitos já eram universitários). Moysés, já caminhando para legitimar-se como *o líder*, ocupava-se das *coisas espirituais*, deixando aos outros a ocupação com as *coisas profanas*:

<sup>58</sup> CHAGAS JR., João Wiles Rebouças. **Uma obra nova para um novo tempo**: a espiritualidade da Comunidade Católica Shalom. Aquiraz, Ce: Edições Shalom, 2012, p.57.



# HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

No início do Shalom, na parte prática, ele não atuava, ele atuava na parte espiritual. Quando fomos alugar uma casa, eu fiquei responsável de pegar um cruzeiro todo mês. Quem assumiu a parte financeira fui eu. Ficamos seis meses sem fazer nada na casa, só vigílias e orações. Faltava o “vamos abrir”. Um belo dia, sempre o Moisés, disse “temos que tomar uma decisão, vamos começar”. Procuramos doações para abrir a lanchonete. Só doze pessoas continuaram... Tinha o Alberto, que era muito espiritual, não era ele quem conduzia, só o Moisés, era Moisés, Alberto, Ricardo Sá, Osiel, Pacelli, Paizinha, Solange (Luiza Façanha).

Nesse intervalo de tempo, o grupo realizou um retiro onde “orou-se por cada um”, como era costume fazer. Foi a partir de então que a decisão pela abertura da lanchonete se deu, acarretando já as primeiras baixas no grupo dos 12 e já se formando a *radicalidade* que marcaria as ordenações de Moisés, que não aceitava doações dos pais dos jovens para a lanchonete e, depois, não as aceitaria para os que viveriam na Comunidade:

Houve um retiro e Deus pediu que déssemos um passo: todas as tardes teríamos que passar em oração no Shalom. Larguei meu emprego de cara. O primeiro que saiu foi o Renatinho, porque não pôde sair do emprego. Eu, o que se dissesse para fazer, eu fazia (Luiza Façanha)

Na medida em que aquele local se tornava um ponto de apoio dos grupos de jovens da cidade, aos poucos os grupos foram perdendo seus membros, que iam aglutinando-se em torno “do Shalom”. Assim, foi-se percebendo a necessidade de mudança de casa, pois aquela não comportaria a quantidade de jovens que mais e mais se juntava ao grupo. Foi então que alugou-se a casa da rua Maria Tomázia, número 72, onde ainda hoje está localizado o Centro de Evangelização<sup>59</sup> Shalom da Paz, o mais importante da Comunidade. Realizada a mudança, decidiu-se pela inauguração, realizada em 09 de julho de 1982. Abaixo, imagem da primeira fachada do Centro de Evangelização, onde funciona, até hoje, o mais importante Centro de Evangelização, o *Shalom da Paz*.

<sup>59</sup> O Centro de Evangelização Shalom (CEvSh) é o local onde se realizam as reuniões dos grupos de oração, as missas, os momentos de formação, onde estão as lanchonetes e livrarias, assim como as capelas. É o espaço físico de acolhimento. Na Região Metropolitana de Fortaleza existem, por exemplo, 35 deles. Funciona, para seus membros, como uma espécie de paróquia, pois é nele que se constituem os laços de pertença à Comunidade e, por isso mesmo, com o próprio catolicismo.

# HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

Imagem 4



Fonte: comhsalom.org

A TV Verdes Mares, afiliada da Rede Globo de Televisão no Ceará, gravou e exibiu uma matéria acerca da inauguração daquela lanchonete:

*Repórter:* A iniciativa foi de um grupo de oito pessoas da comunidade do grupo de jovens do Colégio Cearense. O Centro fica numa casa cujo aluguel de 46 mil cruzeiros é pago através de doações, aliás tudo eles conseguiram através de doações. Na casa tem um restaurante, uma livraria, uma pequena capela e uma sala de reuniões. Tudo funcionando em torno da evangelização, totalmente aberta ao público.

*Luiza Façanha:* Essa casa vai constar de orações, de palestra, de fitas espirituais, a gente vai fazer também a lanchonete que vai contar com a ajuda de jovens engajados no movimento.

*Repórter:* A inauguração contou com a presença de Dom Aloisio, que deu a bênção das instalações e fez uma prece com os presentes. Qual a sua opinião, o que o senhor achou do Centro?

*Dom Aloisio:* Parece-me ser assim uma boa experiência, e uma tentativa de ajudar tantas pessoas que, distraídas pela vida, e envolvidas com muitos problemas, podem encontrar aqui repouso não apenas corporal mas também espiritual.

*Repórter:* A lanchonete fica na rua Maria Tomázia, número 72. A ideia agora é expandir o movimento com outras casas semelhantes a essa.

A presença de Dom Aloisio naquela inauguração é indicio da importante estratégia adotada por Moysés desde o início: a aproximação com a hierarquia católica<sup>60</sup>. O convite para que o arcebispo se fizesse presente naquela inauguração é explicado por Emmir Nogueira, durante entrevista realizada pelo autor, nos seguintes termos:

<sup>60</sup> O que também é ressaltado no texto do Decreto de Reconhecimento Pontifício: "A Comunidade Católica shalom nasceu em Fortaleza, em 9 de julho de 1982, por iniciativa do Dr. Moysés Louro de Azevedo Filho, o qual, junto com outros jovens universitários e com o encorajamento do então Arcebispo de Fortaleza, Sua Eminência Cardeal Aloisio Lorscheider, O.F.M., abriu o primeiro Centro Católico de Evangelização Shalom, destinado especialmente aos jovens" (COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Estatutos*. Aquiraz, Ce: Edições Shalom, 2012, p. 07).

A ida de Dom Aloisio tem uma história por trás, que as pessoas não conhecem e interpretam como querem. Moysés e eu, a nossa origem é de pastoral da diocese. Então, nosso referencial sempre foi o bispo, nunca foi o pároco. Acontecia que nós não trabalhávamos em paróquia, mas na diocese. Aconteceu, isso não é pecado nenhum. No dia, no dia em que a lanchonete ia ser inaugurada, de manhã, o Moysés se deu conta de que não havia convidado o Bispo. O bispo estava sabendo que nós estávamos querendo fazer uma lanchonete, porque nós éramos da pastoral, o Moysés mais do que eu, pois eu já estava mais no Cursilho. E o Moysés disse: “meu Deus, eu preciso convidar Dom Aloisio”. Só que Dom Aloisio estava em Quixadá, numa reunião de todas as dioceses do Ceará. Aí o Moysés pegou um carro e se mandou pra lá, e lá estava também o Padre José Yaléia, que trabalhava na PJ, e através dele o Moysés conseguiu falar com Dom Aloisio. E ele disse: “eu vou, hoje acaba a reunião e eu vou”. Ele foi convidado e ele decidiu ir.

Esse fato ressalta a importância que sempre teve, no interior da CCSH, a proximidade com o alto clero católico, o que parece ter contribuído, sobremaneira, para sua legitimação na Igreja de Fortaleza e, por consequência, na Igreja como um todo. “*A nossa ligação com o trabalho de Igreja foi sempre mais com os bispos*”, disse Emmir Nogueira ao ser indagada sobre essa estratégia. A mesma importância da *proximidade* como alto clero é referenciada por Cassiano Azevedo: “*O Dom Aloisio conhecia o Moysés, gostava dele, confiava nele, gostava da índole do Moysés, sempre nos apoiou. Foi através dele que o Moysés chegou à Santa Teresa D’Ávila. Essa proximidade foi essencial.*”

As relações entre Dom Aloisio e Moysés foram, muitas vezes, referidas durante as entrevistas como  *sinal de Deus acerca da predestinação* de Moysés e do reconhecimento da Igreja a esse *projeto vindo do alto*:

A impressão que tenho é que Dom Aloisio exerceu seu papel de bispo, de acolher o movimento [...] Deus deu a ele a graça de perceber que, por trás daquela iniciativa, estava uma obra de Deus. [...] Ele agiu como bispo, chegou para ele como bispo e ele acolheu a inspiração (Carmadélio Sousa).

O Moysés sempre procurou muito estar junto aos pastores da Igreja. Busca estar em unidade, servir. Moysés sempre se mostrou esse jovem engajado, que tinha uma liderança, que queria trabalhar. [...] Por isso Dom Aloisio o convidou [...] Ele tinha uma ideia, tinha uma inspiração, mas antes ligava para o bispo e escutava dele, o que o bispo achava daquela ideia [...] ele sempre vinha dizendo algo da conversa para nós (Goretti Menezes).

Passada a inauguração da lanchonete, os jovens dividiam-se entre escalas de serviço, à noite, e de faxina, durante o dia. Com o tempo, as atividades em torno dos serviços da lanchonete foram se intensificando e exigindo mais disponibilidade dos jovens, que ainda eram poucos (não os frequentadores, mas sim os engajados).

Desde a inauguração estávamos lá duas vezes por semana. Foram ficando aquelas pessoas que eram engajadas na obra, aqueles que podiam contar. Na volta de uma missão evangelizadora para a cidade Uruoca ficou certo de nos reunir e se encontrar uma vez por semana. Fomos deixando nossos grupos e fomos formando os “engajados” (Celio di Cavalcanti).

# HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

No vídeo institucional de 10 anos da Comunidade, Emmir Nogueira rememora assim a inauguração da lanchonete e os primeiros desdobramentos:

Os primeiros tempos de lanchonete e de livraria foram inesquecíveis. Quem Deus iria nos mandar? No 1º dia todos nós ficávamos à espera do 1º cliente, quem seria? Quem o evangelizaria? Como ele receberia a mensagem? Pouco a pouco Deus foi respondendo a essa nossa expectativa. Deus não queria que evangelizássemos apenas os jovens; eles foram apenas uma frente. As pessoas, ao ouvirem nosso testemunho, o que Jesus fez em nossa vida, elas contam suas esperanças. Deus queria muito mais e começou a nos mostrar que seu plano era uma vocação, e não apenas nosso trabalho. Queria o nosso ser (Vídeo *Shalom 10 anos*).

Dois anos depois da inauguração, a partir de janeiro de 1984, Moysés, Pacelli e Ricardo Sá faziam uma experiência comunitária, que só duraria um mês (o segundo pediu para sair e o terceiro foi embora para a Canção Nova, no interior de São Paulo). No final do ano é que Moysés teria seus desejos novamente levados à realização: cinco daqueles jovens estariam saindo das casa de seus paus para experimentarem uma nova forma de vida, comunitária, dedicada exclusivamente à oração e ao trabalho de evangelização na lanchonete. Eram eles: Sidney Timbó, Jaqueline Matias, Madalena Ponte, Luisa Façanha e Moysés de Azevedo. Estava formado, assim, o primeiro núcleo do que seria a comunidade de vida.

Na parte de trás tinham três quartinhos, foi ali que os meninos fizeram a primeira experiência comunitária: Moysés, Pacelli e Ricardo Sá. Moysés foi muito duro, não aceitou que pai e mãe ajudasse ninguém. Pacelli foi embora e Ricardo Sá pediu que padre Jonas levasse ele para a Canção Nova um mês depois. Moysés ficou só e foi seu período mais difícil. A Jaqueline foi de importância vital, com aquela alegria dela, ela segurou muito as pontas. Veio o Timbó, que era do *Christus*, tinha o Célio, várias pessoas começaram a se engajar. Um mês depois teve a consagração. Aí, eu fui e o Timbó. Hoje as pessoas não têm noção do que foi aquela experiência, nem vão ter nunca. Essa história está esquecida<sup>61</sup>, ninguém sabe, nunca terão essa dimensão (Luisa Façanha)

Nesse período Moysés já havia produzido os textos que lhe vinham de *inspiração* acerca daquilo que sentia-se impelido a viver, e deu a esses textos o nome de *Escritos*, um conjunto de textos que formam a base da espiritualidade da CCSH. São eles: *Obra Nova, Amor Esposal, Pobreza, Estados de Vida, No Coração da Obra, em Unidade com o Carisma, profissionalização, Conselhos e Coordenadores*. Todos escritos em tom de “revelação”. Em 1986 um outro texto seria acrescentado: *Shalom*, o mesmo ocorrendo com a *Carta Aberta à Comunidade*, em 2005.

Esses cinco jovens faziam sua primeira consagração em janeiro de 1985, com os votos de pobreza, castidade e obediência, sob a condução do padre José Yaleia, então

<sup>61</sup> A produção de “esquecimento” desses primeiros será analisada no próximo capítulo pois, para mim, constitui um elemento fundamental para a fabricação da liderança “carismática” de Moysés.

# HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

pároco da Igreja da Paz, localizada nas proximidades do CEvSh. No ano seguinte, mais nove jovens realizariam sua consagração na comunidade de vida: Alberto Paiva, Carmadélio Silva<sup>62</sup> (hoje na comunidade de aliança), Messias Albano, Soraya Rocha, Elizabete Fonteles, Máuria Uchoa (que depois casaria com Timbó, formando o primeiro casal da comunidade de vida), Celio di Cavalcanti (hoje na comunidade de aliança), Cassiano Azevedo e Marjorie Montenegro (que seria noiva de Moysés). Luiza Façanha já havia deixado o grupo.

Aqueles que permaneceram frequentando os grupos e dedicando-se um pouco mais ao trabalho missionário, formaram o grupo dos “engajados” e se consagraram também, formando o primeiro núcleo do que se tornaria a “comunidade de aliança”: quatro casais, seis jovens solteiras (entre as quais Goretti Menezes, hoje na CV), três jovens solteiros e duas mulheres casadas. Também é nesse ano que ocorre o ingresso de Emmir Nogueira (que a cada dez dias ministrava formação para os membros e havia sido a redatora dos “Escritos”; a esse tempo, já casada e mãe de dois filhos) na Comunidade.

Nós fomos um pouco para o Brasil o que Belém era para Jerusalém, um pouco para periferia. Deus não escolheu São Paulo nem Brasília para ser o germen do Shalom. O que era fortaleza? Era o estado talvez mais pobre, em que se dominava os coronéis, não tinha ainda Tasso Jereissati que trouxe a indústria para cá.

No ano de 1987, ocorrem as primeiras ações fora do estado do Ceará (Teresina e Salvador). Em 1988, por ocasião da doação da Rádio Boa Nova, de Pacajus, à Comunidade, houve a primeira fundação fora da cidade de Fortaleza. Dois anos depois, o governo do Ceará reconhece a comunidade como instituição de utilidade pública. Em 1995, logo após a tragédia que envolveu a morte de Ronaldo Pereira (durante um acidente de carro, na volta de uma viagem de missão), Moysés começa a escrever os “Estatutos” da Comunidade, documento através do qual as instituições pleiteiam o reconhecimento da Igreja para sua existência. Isso se dá por meio de um caminho, que se inicia com o reconhecimento da Diocese na qual a comunidade está localizada. O reconhecimento diocesano se deu em 1998, durante o governo de Dom Cláudio Hummes à frente da Arquidiocese de Fortaleza, depois do qual a CCSH passaria por um período *ad experimentum*, de 7 anos, ao final dos quais receberia, em 2007, a provação dos seus “Estatutos” pela Santa Sé e, em 2012, o Pontifício Conselho Pra os Leigos, por meio do Cardeal Stanislaw Rilko, receberia sua “aprovação definitiva” como *Associação Internacional Privada de Fiéis*, sendo a segunda das *Novas Comunidades* brasileiras a receber, tendo a Canção Nova sido a primeira, em 2008, durante as comemorações de seus 30 anos de fundação.

<sup>62</sup> Que explicou assim sua decisão pelo ingresso na Comunidade: “o Moysés me convidou para dedicar minha vida a Deus. Rezei e percebi que era um chamado de Deus [...] Faltava apenas seis meses para eu me formar”.

## 4- Considerações Finais

O objetivo desse texto foi apresentar uma discussão acerca de uma das coisas mais caras à um historiador ou a um sociólogo: a produção de memória coletiva. Para tanto, tomei o caso da Comunidade Católica Shalom e, a partir das ferramentas metodológicas da História, da Sociologia, da Antropologia e da Linguística, problematizei a forma como uma experiência, de início, coletiva foi sendo apropriada e ressignificada por uma biografia individual para, em seguida, retornar como biografia da coletividade. Intentando traçar uma história da Comunidade, e de seus personagens principais, foi ao encontro da produção social de uma identidade coletiva, alicerçada na memória de fatos significativos semântizados ao longo do tempo (como se correspondessem a fatos de *fora do tempo – desígnios divinos*), que o conjunto do texto, em particular, e da pesquisa realiza, em geral, permitiu-me chegar (e, também, ao leitor).

Os produtos da ação humana em coletividade, como o caso da fundação da CCSH, são sempre desafios que se põem ao pesquisador, permitindo-lhe utilizar arcabouços teóricos pré-definidos em seu campo de estudos mas, sobretudo, compreender melhor a realidade de um dado conjunto social que, por meio desse estudo, incrementa ainda mais a produção historiográfica e sociológica com a descoberta de novas dinâmicas do campo social em questão.

No caso aqui analisado ficou evidente, ao que parece, os mecanismos pelos quais a memória coletiva de um grupo é produzida: fatos individuais, que atuam no apagamento de outros fatos, por meio da superdimensão dada a outros, depois incorporando-se como memórias de outros sujeitos, que compõem a coletividade. Assim, há sempre um conjunto de significados que nos inserem no mundo como membros de uma certa coletividade, a nos lembrar que, por sermos sujeitos humanos e históricos, o somos por estarmos inseridos numa ordem simbólica. Sobretudo, aqueles que realizam sua existência em meios de identidade religiosa.